

# ABORDAGEM DA MENOPAUSA EM REVISTAS DE ATUALIDADES

Isabel Cristina Gardenal de Arruda AMARAL<sup>o</sup>  
Aarão Mendes PINTO-NETO<sup>oo</sup>  
Maria José Duarte OSIS<sup>ooo</sup>

## RESUMO

Esse é um estudo descritivo, realizado de junho de 2002 a maio de 2003, a partir de textos sobre a menopausa, a saúde da mulher e a saúde em geral, colhidos de três revistas e classificados em gêneros jornalísticos. A temática, dividida em categorias, foi inserida no *The Ethnograph 5.0*. O conteúdo foi avaliado em aspectos biológicos, socioculturais e psicológicos. Predominaram textos sobre saúde em geral, aspectos biológicos da menopausa, TRH como a categoria temática mais frequente e o gênero informativo.

---

<sup>o</sup>Mestre em Tocoginecologia na área de Ciências Biológicas (Faculdade de Ciências Médicas – Unicamp). Jornalista graduada (PUC-Campinas), com pós-graduação em Análise do Discurso pela mesma instituição. e-mail: bel@unicamp.br

<sup>oo</sup>Professor titular em Ginecologia pelo Departamento de Tocoginecologia (FCM – Unicamp); Doutor, Mestre e Graduado pela mesma instituição. e-mail: aarao@unicamp.br

<sup>ooo</sup>Pesquisadora do Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas e professora colaboradora voluntária da pós-graduação em Tocoginecologia (FCM – Unicamp). Doutora em Saúde Pública (USP). Mestre em Antropologia Social e Graduada em Ciências Sociais (Unicamp). e-mail: mjosis@cemicamp.org.br

**Palavras-chave:** climatério; gênero; hormonoterapia; mito e mídia.

### ABSTRACT

*It is a descriptive study, undertaken from June 2002 to May 2003 based on articles about menopause, women's health and health in general, collected from three magazines and classified as journalistic genre. The topic, divided into categories, was inserted into The Ethnograph 5.0 program. The contents were evaluated in biological, socio-cultural and psychological aspects. The texts were mainly about health in general, biological aspects of the menopause, THR as the most frequent issue and informative style.*

**Key words:** *climacteric; gender; hormoneotherapy; myth and media.*

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, é inegável a atuação da mídia nas situações em que ocorre tomada de postura mais interpretativa e nem sempre imparcial (MARIANI, 1998). Muitos temas, em textos jornalísticos veiculados nos meios de comunicação, podem ser abordados superficialmente. Sendo a menopausa um dos temas tratados pela mídia, em particular por revistas de atualidades, a abordagem superficial pode impedir o leitor, a priori mulheres, de conhecer a sua saúde.

A menopausa, última menstruação, está contida no climatério - período de transição entre a fase reprodutiva e não-reprodutiva da mulher (OMS, 1981). Climatério tem origem no latim *climaterium*, empregado para qualquer época da vida considerada crítica, por se pensar que o organismo sofre transformações periodicamente (BIFFI, 1991). Na comunidade científica, climatério nomeia a vida da mulher dos 45 aos 60 anos. No senso comum, a palavra para designar esta fase é menopausa que, embora se refira unicamente à suspensão da menstruação, é mais difundida que climatério (LIMA, 1999).

A sociedade construiu estereótipos da mulher nessa fase da vida, inculcados pelos processos educativos. Esses estereótipos da mulher baseiam-se no valor do útil, do produtivo, e aliam-se a uma visão patriarcal da posição da mulher na sociedade. O valor dela está no cumprimento daquela que é considerada sua função por excelência: reprodutora da espécie. Então, o climatério, como a passagem da capacidade para a incapacidade de reproduzir, coloca a mulher de meia-idade no terreno social do declínio, do fim de carreira, da marginalidade (HARDY, ALVES, OSIS, 1992). Este é um dos mitos mais difundidos.

Outro mito é a menopausa vista como doença. Pesquisadores psicanalíticos referem-se à menopausa como um evento crítico para a mulher de meia-idade e um desafio à adaptação e aquisição de autoconfiança. Até mesmo a comunidade médica interpreta a menopausa como uma doença de deficiência hormonal e um evento de caráter negativo (OLIVEIRA, 1992).

Mas, apesar de um ranço negativo da menopausa na cultura brasileira, a partir da década de 90, ela passa a receber atenção crescente, especialmente entre os profissionais da área da saúde, que veem crescer a demanda de informações a respeito do assunto. O aumento dessa demanda por informação indica o quanto o processo da menopausa gera dúvidas com as quais o profissional da saúde, seja ele médico, psicólogo, enfermeiro, fisioterapeuta, assistente social ou outro, acabará por se defrontar. Há uma quase unanimidade na literatura sobre menopausa quanto a considerar que o interesse pelo tema se deva ao aumento acentuado do número de mulheres em processo de menopausa no mundo. Só muito recentemente a expectativa de vida das mulheres ultrapassou os 50 anos no Brasil. Considerando-se que esta é a média etária de ocorrência da menopausa e que hoje a expectativa de vida gira em torno dos 70 ou 80 anos, é de se esperar que, para um número cada vez maior de mulheres, a vida continuará por um bom período de tempo após a menopausa. Daí o interesse em conhecer esse processo (SOUZA, DIKSZTEJN, HORI, 1999).

O aumento da expectativa de vida das mulheres passou de 71,7 anos em 1997 para 72,5 anos em 2000 e, o seu crescimento proporcional, de 40 anos ou mais no período compreendido entre 1991 e 2000. Frente a estes dados, os profissionais e os sistemas de saúde precisam se preocupar

em se preparar para o atendimento desta importante parcela da população, para que as mulheres possam ter não somente mais anos de vida e sim mais vida com qualidade e saúde, uma vez que é clara a feminilização do envelhecimento no Brasil (PINTO-NETO, PAIVA, FONSECHI-CARVASAN, 2003).

Lamentavelmente, as mulheres ainda têm pouco acesso a informações especializadas em saúde fora do âmbito dos atendimentos médicos. Um estudo feito em Campinas, São Paulo, com 456 mulheres de 45 a 60 anos, mostrou que médicos e serviços de saúde (40,1%) são os principais responsáveis pelos esclarecimentos sobre a menopausa. Cerca de um quarto das mulheres na pré-menopausa relatou obter informações de amigos ou parentes. Rádio e televisão foram mais citados como fonte na pré-menopausa (9,4%). Com relação às revistas, jornais e livros, foram citados por apenas 8,3% da população das classes sociais D e E, indicando que tais veículos são mais dirigidos às classes A e B (29,7%). Se somados rádio, televisão, revistas, jornais e livros, estes veículos ficam atrás somente das fontes médicas e serviços de saúde, o que indicaria a mídia como uma fonte importante de informação sobre a menopausa, embora 20% das mulheres entrevistadas nunca tenham recebido informações sobre o tema (CAMPANA, 2001).

Levando-se em conta que a menopausa atinge mais da metade da população brasileira – são cerca de 80 milhões de mulheres, umas que já passaram da idade reprodutiva e outras que passarão por essa experiência (IBGE, 1996) [1] – torna-se relevante a sua abordagem responsável pelos meios de comunicação com a finalidade de esclarecer a população, mesmo diante dos reconhecidos fatores limitantes ao acesso às informações escritas, entre eles, nível educacional, etnia e estrato social (CALDAS, 2002).

Não estão disponíveis informações sistemáticas a respeito da frequência e da maneira como a menopausa tem sido mostrada pela mídia em geral. Neste trabalho são apresentados resultados de um estudo que teve como objetivo avaliar a abordagem da menopausa em textos que se referiram exclusivamente a ela e comparar a sua quantidade em relação aos textos sobre saúde da mulher e saúde em geral, veiculados em revistas de atualidades.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi de caráter descritivo. Foram selecionados 112 exemplares de três revistas de atualidades de grande circulação durante o período de junho de 2002 a maio de 2003. A escolha das revistas baseou-se em sua maior representatividade em seus segmentos como amostras nacional (*Veja*), feminina (*Claudia*) e regional (*Metrópole*, da região de Campinas). A definição do período estudado foi influenciada pelo fato de no mês de julho de 2002 ter surgido uma polêmica sobre a associação entre terapia de reposição hormonal e casos de câncer de mama e de doença.

A escolha das revistas levou em consideração a sua relevância nos cenários de circulação. Lançada em 1968, a *Veja* – da Editora Abril – é a maior revista semanal de atualidades, a mais lida no País e a quarta revista mais vendida no mundo. Circula com tiragem de 1.205.350 exemplares. O perfil predominante se situa na faixa etária entre 18 e 49 anos, em 66%; em relação ao sexo, o feminino (51%) aparece quase equiparado ao masculino (49%); e, em relação à classe social, 41% pertencem à B, 26% à A e 23% à C (EDITORA ABRIL, 2004a) [2].

A *Claudia*, lançada em 1961, é a maior revista de atualidades dedicada ao público feminino do Brasil, também da Editora Abril. Circula mensalmente com uma tiragem de 473.085 exemplares. Tem como leitor predominante, pessoas na faixa etária entre 18 e 39 anos, em 52%; do sexo feminino em 86%; e, quanto à distribuição por classe social, 45% pertencem à B, 27% à C e 21% à A (EDITORA ABRIL, 2004b) [3].

Já a *Metrópole*, lançada em 1997, é uma revista semanal de variedades que circula aos domingos, encartada no Jornal *Correio Popular*, da Rede Anhangüera de Comunicação (RAC). Sua tiragem média é de 55.000 exemplares. O perfil do leitor da revista *Metrópole*, segundo a classe social, é de 32% na classe A, 28% na B, 16% da C e 4% de outras. Quanto à faixa etária, predomina a de 45 a 64 anos em 25%, vindo depois a de 25 a 34 anos em 22%, de 18 a 24 anos em 21%, de 35 a 44 anos em 18%, acima de 65 em 10% e de 10 a 17 anos em 4%. O sexo feminino é o que mais lê a revista (52%) (REDE ANHANGUERA DE COMUNICAÇÃO – RAC, 2004) [4].

A coleta dos dados foi feita pela pesquisadora principal e consistiu, primeiramente, na transcrição dos textos para arquivos em Microsoft Word 2002. A seguir, cada texto foi lido e as alusões aos temas menopausa, saúde da mulher e saúde em geral foram anotadas manualmente em fichas. Foram quantificados os textos sobre a menopausa registrados nas revistas em relação aos textos que tratavam da saúde da mulher e da saúde em geral. Na segunda etapa, os textos foram classificados segundo o gênero jornalístico em informativos/opinativos (MELO, 1985). Os textos classificados como informativos podiam ser:

- nota: conteúdo mais sintético que as notícias;
- notícia: puro registro dos fatos, sem comentário nem interpretação;
- reportagem: relato do acontecimento feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou que tenha apurado as informações;
- entrevista: diálogo entre o jornalista e o personagem da notícia.

Já os textos opinativos podiam estar representados por:

- editorial: texto em que o veículo em questão exprime formalmente suas opiniões;
- comentário: artigo com carga interpretativa;
- artigo: texto interpretativo ou opinativo do autor, que deve ser sempre assinado;
- coluna: espaço usualmente reservado a um colunista;
- crônica: seção ou texto através do qual o autor trata de assuntos cotidianos de maneira mais literária;
- caricatura: ilustração de personagens que repercutem o momento dos acontecimentos;
- carta: conteúdo gerado pelo leitor ou coletividade em espaço reservado para opiniões.

Depois dessa classificação, somente os textos que abordaram a menopausa foram considerados para posterior análise temática. Nessa etapa, os textos acerca da menopausa, foram inseridos no software *The Ethnograph 5.0* (SEIDEL, 1998).

Seguindo orientações de MINAYO (1993), a análise das transcrições ocorreu mediante leitura dos textos em busca de temas significativos e identificação das unidades de significado. Para Minayo, unidade de significado denota os valores de referência e os modelos de comportamento no discurso. Através da identificação dessas unidades, foi proposto um conjunto de categorias de análise para o material em estudo: TRH (terapia de reposição hormonal), câncer de mama, doença cardíaca, envelhecimento, osteoporose, sintomas, depressão, pele e sexo-libido. Depois de definir este conjunto de categorias, os textos foram relidos, e se codificaram as porções de texto que se referiam a cada categoria.

Usando os procedimentos de busca do programa, foram reunidas as porções de texto que correspondiam a cada categoria de análise, para avaliar seu conteúdo temático. Finalmente, conforme as categorias de análise que surgiram nos textos, eles foram classificados conforme os aspectos biológicos, socioculturais e psicológicos tratados.

Neste estudo, não foram utilizados seres humanos como sujeitos de pesquisa. Os dados foram extraídos dos textos jornalísticos, que contêm informações já difundidas e, portanto, de domínio público. O protocolo da pesquisa foi aprovado pela Comissão de Pesquisa do Departamento de Tocoginecologia e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

## RESULTADOS

De um universo de 112 exemplares das revistas selecionadas, 81 mencionaram pelo menos um dos temas que se constituíram objeto do estudo e 31 não os mencionaram. Do total de 384 textos abordando os temas, a menopausa foi referida em 20 deles, a saúde da mulher em 52 e a saúde em geral em 312. Foram registrados 383 textos informativos que abordaram a menopausa, a saúde da mulher e a saúde em geral nas três revistas, distribuídos entre 201 notas, 109 notícias, 63 repórtagens e dez entrevistas; o único texto opinativo encontrado foi um comentário (Vide Tabela 1)

Os 259 textos da revista *Veja* sobre menopausa, saúde da mulher e saúde em geral, segundo o gênero informativo, totalizaram 132 notas, 87

notícias, 33 reportagens e sete entrevistas. A revista registrou 17 textos (6,5%) sobre a menopausa, 23 (8,9%) sobre saúde da mulher e 219 (84,6%) sobre saúde em geral (Vide Tabela 1).

A distribuição dos 103 textos na revista *Claudia*, em relação aos temas de interesse e quanto ao gênero informativo, somou 68 notas, 22 notícias, dez reportagens e três entrevistas. A revista registrou 77 textos (74,7%) sobre saúde em geral, 24 (23,3%) sobre saúde da mulher e dois textos (2,0%) sobre menopausa (Vide Tabela 1).

Os 21 textos na revista *Metrópole*, sobre os temas de interesse e quanto ao gênero informativo, foram uma nota e 20 reportagens. A *Metrópole* registrou 16 textos (76,2%) sobre saúde em geral, quatro (19,0%) sobre saúde da mulher e um (4,8%) sobre menopausa.

Tabela 1:

Distribuição de textos sobre menopausa, saúde da mulher e saúde em geral das revistas Veja, Claudia e Metrópole de junho/2002 a maio/2003										
Revistas Gêneros Jornalísticos	Veja			Metrópole			Claudia			Total
	MEN	SM	SG	MEN	SM	SG	MEN	SM	SG	
<b>Opinativo</b>										
Editorial										-
Comentário								1		1
Artigo										-
Resenha										-
Coluna										-
Crônica										-
<b>Total</b>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
<b>Informativo</b>										
Nota	5	16	111			1		18	50	201
Notícia	7	7	73				2	2	18	109
Reportagem	5		28	1	4	15		3	7	63
Entrevista			7					1	2	10
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>23</b>	<b>219</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>16</b>	<b>2</b>	<b>24</b>	<b>77</b>	<b>383</b>

MEN: Menopausa  
SM: Saúde da Mulher  
SG: Saúde em Geral

Quando se avaliaram apenas os textos jornalísticos relacionados à menopausa, verificou-se que os aspectos mais abordados foram os biológicos (37), relacionados à TRH, câncer de mama, doença cardíaca, envelhecimento, osteoporose e pele.

Tabela 2:

Aspectos biológicos nos textos sobre menopausa veiculados nas revistas <i>Veja</i> , <i>Claudia</i> e <i>Metrópole</i> no período de junho/2002 a maio/2003				
Aspectos Biológicos	<i>Veja</i>	<i>Claudia</i>	<i>Metrópole</i>	Total
TRH	12	1		13
Câncer de mama	6	1		7
Doença cardíaca	4	1	1	6
Envelhecimento	4	1		5
Osteoporose	4	1		5
Pele	1			1
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>37</b>

Em seguida apareceram os aspectos socioculturais (cinco), com as categorias sexo-libido e sintomas; três textos abordavam os aspectos psicológicos, tratando da categoria depressão.

Tabela 3:

Aspectos socioculturais e psicológicos nos textos sobre menopausa veiculados nas revistas <i>Veja</i> , <i>Claudia</i> e <i>Metrópole</i> no período de junho/2002 a maio/2003				
Aspectos Socioculturais	<i>Veja</i>	<i>Claudia</i>	<i>Metrópole</i>	Total
Sintomas	2	2		4
Sexo-libido		1		1
Aspectos Psicológicos				-
Depressão	2	1		3
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>8</b>

As categorias encontradas nos textos sobre a menopausa foram observadas de acordo com sua frequência, em números absolutos. No total, a TRH foi citada 34 vezes, o câncer de mama 24, a doença cardíaca 17, o envelhecimento cinco, a osteoporose cinco, os sintomas quatro, a depressão três, a pele uma e o sexo-libido uma.

Tabela 4:

Frequência absoluta de categorias de análise para a menopausa nas revistas <i>Veja</i> , <i>Claudia</i> e <i>Metrópole</i>				
Categorias	<i>Veja</i>	<i>Claudia</i>	<i>Metrópole</i>	Total
TRH	28	6		34
Câncer de mama	22	2		24
Doença cardíaca	13	3	1	17
Envelhecimento	4	1		5
Osteoporose	4	1		5
Sintomas	2	2		4
Depressão	2	1		3
Pele	1			1
Sexo-libido		1		1
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>17</b>	<b>1</b>	<b>94</b>

A seguir, será apresentada uma breve descrição dos achados em cada categoria de análise identificada no conjunto dos textos sobre menopausa.

- *TRH*

Os textos analisados em geral ressaltaram as relações entre a TRH e a manutenção das funções hormonais e o bem-estar físico e mental.

- *Câncer de mama*

Referiram-se às possíveis associações entre a TRH e o câncer de mama para as usuárias de comprimidos à base de estrogênio e progesterona vendidos no Brasil. Avaliaram a ingestão de alimentos funcionais para a redução do câncer de mama, o uso de hormônios sintéticos, as isoflavonas como tratamento alternativo à reposição hormonal e a ligação entre a angústia e o câncer de mama.

- *Doença cardíaca*

Os textos referiram-se ao uso da TRH associado ao aumento do risco de doenças cardiovasculares.

- *Envelhecimento*

Abordaram-se os resultados de pesquisas que relacionam o uso de hormônios pelas mulheres com o envelhecimento: na vida sexual, para

evitar o alto colesterol e na prevenção de doenças emergentes na pós-menopausa.

- *Osteoporose*

Os textos trataram dos benefícios da TRH para proteger os ossos e a chegada de um novo medicamento ao mercado brasileiro (capaz de auxiliar na reconstrução dos ossos e na diminuição de fraturas).

- *Pele*

Um único texto fez menção a problemas na pele, decorrentes da diminuição dos hormônios sexuais. Indicava-se a TRH como alternativa para melhorar a qualidade da pele.

- *Depressão*

Os textos abordaram os sintomas da depressão, os benefícios da ioga para a diminuição dos sintomas da menopausa, a relação da depressão com a menopausa precoce a partir de um histórico de depressões profundas ao longo da vida e do uso de drogas antidepressivas.

- *Sexo-libido*

Um único texto relatou uma pesquisa apontando que a ioga revitaliza a produção de estrógeno, de progesterona e de outros hormônios, o que seria importante para aumentar o desejo sexual.

- *Sintomas*

Os textos referiram-se a estudos que mostravam associação entre o uso da TRH e o combate a sintomas da menopausa como oscilações de humor, ondas de calor, falta de viço da pele, ressecamento vaginal, depressão, insônia, diminuição da libido, cabelos ásperos, irritabilidade, além de evitar problemas cardíacos e casos agudos de tensão pré-menstrual.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados trazem a constatação de que o tema “menopausa” é pouco difundido pelas revistas de atualidades. Apesar da potencial relevância do tema para a sociedade, e mesmo no auge de uma

polêmica levantada pela própria imprensa em julho 2002 de que a reposição hormonal ampliava os riscos de ocorrência de doenças cardiovasculares e de câncer de mama nas mulheres, a menopausa não ganhou espaço privilegiado nas revistas de atualidades, ao longo de um ano de avaliação.

As amostras diferentes das revistas foram selecionadas propositalmente para verificar comportamentos segmentados. A amostra nacional (*Veja*) foi a que deu melhor conta de atualizar os conhecimentos sobre a menopausa no período estudado, em particular com o surgimento da polêmica da TRH e a interrupção do maior estudo acerca do tema. A revista regional, a *Metrópole*, não deu destaque à menopausa no período de 2002 a 2003, tarefa possivelmente assumida por outras mídias. Na efervescência da polêmica da TRH, as mulheres que compraram revista, para conhecer o teor da pesquisa interrompida, não o encontraram. Maior estranheza causou a revista *Claudia* que, não obstante ser dirigida a um público-alvo feminino, apenas incluiu dois textos sobre a menopausa, no período de um ano, em contraste com os 77 textos sobre saúde em geral e os 25 de saúde da mulher.

Outro aspecto que também indica uma menor valorização do tema menopausa pela mídia é o fato dos textos sobre esse tema terem se revestido de um caráter quase exclusivamente informativo. Este tipo de texto é, de fato, uma das características da mídia impressa, sobretudo das revistas de atualidades. Contudo, os textos sobre a menopausa observados neste trabalho praticamente não enfatizaram a interpretação, uma das pilastras dos periódicos, juntamente com o diagnóstico dos fatos e a investigação. Além disso, observou-se a predominância do gênero jornalístico “nota”, o que indica uma abordagem mais superficial. No outro extremo estão as reportagens, que traduzem o estilo mais aprimorado do jornalismo, envolvendo um processo mais exigente que começa com o levantamento de informações junto às fontes, passando para a sugestão de pauta, realização da entrevista, apuração dos fatos, composição do texto e da página até sua distribuição.

A constatação do pouco espaço ocupado pelo tema da menopausa nessas revistas e da abordagem mais superficial leva a discutir os entraves que temáticas femininas ainda encontram para serem veiculadas na mídia, mesmo em revistas dirigidas a este público. Não se pode deixar de apontar

a questão de gênero como um forte determinante do pouco destaque observado bem como dos enfoques preconceituosos (LOURO, 1995).

Vale lembrar que na medicina, a própria existência normal da mulher já as confundia com seres doentes, sendo chamadas de “patologias ambulantes”. Isso em função dos fenômenos que transformavam sua vida, como a gravidez ou as hemorragias periódicas. O curioso é que estes processos se davam dentro de uma ordem. Afinal, a própria menstruação era chamada de “regras” e indicava o estado de saúde da mulher. Mas esta ordem parecia estranha e bizarra, difícil de compreender. Por isso, as mulheres eram representadas como seres ambíguos (PETER, 1980, p.79).

No caso da menopausa, o termo é usado em diálogos pejorativamente, referindo-se às variações de comportamento da mulher, ao passo que na andropausa, correspondente à menopausa no sexo masculino, o assunto é silenciado, apesar de também representar algumas alterações hormonais para o homem. Silenciar sobre algo pode significar desconhecer e/ou não reconhecer sua existência social. Já a superexposição pode ser operada para esconder um outro a quem não se quer (ou não interessa) dar existência (RUBIN, 1995).

Outro achado que merece consideração é o fato de que os aspectos biológicos do tema menopausa suplantaram, com vantagem, os aspectos socioculturais e os psicológicos, o que permite concluir que a menopausa tem sido analisada mais a partir de um enfoque biomédico. Neste sentido, é entendida no contexto de uma transição do corpo feminino, associando-a ao declínio físico e vinculando-a ao início do envelhecimento (REIS, 2002).

Na perspectiva biomédica, a menopausa passou a ser considerada um processo patológico, uma endocrinopatia. A vigência desta concepção tem como marco sua inclusão, em 1977, no manual de Classificação Internacional de Doenças (CID). Historicamente, porém, a definição de menopausa, a partir dos saberes biomédicos, sofreu alterações significativas. No século XIX, os textos médicos ocidentais definiam a menopausa como um problema que causava doenças; no início do século XX, a menopausa passa a ser vista como uma doença (*disease*). Nas décadas de 60 e 70, alguns textos médicos aventavam a possibilidade da menopausa ser um

fenômeno *mind over matter*, mais que um evento fisiológico (REIS, 2002). Mais recentemente, é considerada uma síndrome climatérica, reunindo um conjunto de sinais e sintomas ligados à diminuição dos níveis de estrógeno.

É preciso considerar que o entendimento biomédico sobre o climatério/menopausa é parte de um contexto mais amplo, inclusive psicológico. Apesar disso, estudos que tragam esta visão do processo ainda são escassos. Falta uma descrição do tema pelas próprias mulheres envolvidas na menopausa, que poderia fornecer informações sobre os aspectos emocionais (SOUZA, DIKSZTEJN, HORI, 1999).

Outros conceitos, amparados em disciplinas como a antropologia, apontam ainda que a menopausa traça uma associação entre a vida procriativa da mulher e o início do envelhecimento. Neste caso, envelhecimento relaciona-se a um processo de perda ou redução das atribuições tradicionais à posição das mulheres, centradas na capacidade de sedução, na beleza etc. Estes atributos caracterizam positivamente, no caso das sociedades ocidentais contemporâneas, o papel social das mulheres. A cessação dos fluxos menstruais vem representar, portanto, uma marca de alteração negativa da “feminilidade” (REIS, 2002).

Diante da amplitude do tema e da falta de uma cultura holística sobre esse conhecimento até o momento, as revistas permanecem reproduzindo a perspectiva biomédica quase tão-somente. Transmitem a visão sobre as causas biológicas e suas conseqüências físicas, além de apresentá-la como um problema individual, o mesmo sucedendo com o tratamento (MERCADO, 1996).

Convém ainda fazer algumas considerações sobre a TRH ter sido a categoria temática mais freqüente nos textos estudados. Genericamente, constatou-se que sua abordagem foi feita superficialmente nas revistas. O tema ganhou profundidade à medida que as opiniões médicas divergiram. Mas a reação foi desproporcional à gravidade dos resultados.

Na mídia, generalizaram-se os riscos da TRH, mas omitiu-se, ou quase não se falou, que a reposição estudada pelos americanos era apenas a realizada com um determinado medicamento e que existe a opção de muitos outros tipos de reposição hormonal com doses padronizadas. Além disso, não se falou que, embora o estudo tivesse sido projetado para mulheres

sadias, 7,7% tinham doença coronariana prévia. Também a média de idade (63,2 anos) das pacientes estudadas esteve acima da habitual, sendo que a idade é um fator fundamental de risco para doenças cardiovasculares e que nesta faixa etária o risco foi considerado moderado (SÁ e SILVA, 2004).

De igual forma, não se falou que, usada com parcimônia, a TRH poderia ser segura. Os benefícios melhor estudados e descritos pelo uso da terapia são o alívio da sintomatologia vasomotora e da alteração do sono, prevenção e tratamento da osteoporose (e fraturas), tratamento da atrofia urogenital, bem como melhora da qualidade de vida (OSÓRIO-WENDER e CAMPOS, 2004).

O mito da neutralidade da linguagem, do fim de carreira e da velhice, além da menopausa vista como patologia, aqui mencionados, interferem profundamente na visão dos fatos e desencorajam as atitudes de mudança. A mídia tem um compromisso social com a verdade. Sendo ela portadora de informações distorcidas, à população será negado o acesso ao mundo. De acordo com LAFER (1991), o direito à informação é uma liberdade democrática que permite uma autônoma e igualitária participação dos indivíduos na esfera pública.

Percebe-se, portanto, que o tema da menopausa, além de pouco abordado e de maneira mais superficial, também tem sido socialmente construído pelas revistas de atualidade com marcas fortemente negativas e depreciativas para as mulheres. Isto pode significar que as leitoras dessas revistas não estejam sendo, de fato, estimuladas a uma participação autônoma e igualitária na sociedade, para o quê, potencialmente, a informação adequada sobre o tema poderia contribuir. Entretanto, para saber se assim é, seria necessário desenvolver “estudos de recepção”.

Esses designam processos de pesquisa que buscam conhecer como as pessoas recebem e o que fazem com as mensagens que lhes são destinadas através dos meios de comunicação. Entretanto, no campo da saúde, ainda é bastante tímida a presença dos estudos avaliativos da comunicação com a população, como os “estudos de recepção”. Embora haja uma permanente preocupação com a eficácia e o papel que os meios de comunicação cumprem no conjunto das ações de saúde, não se observa, no mesmo grau que em outros temas, questionamentos críticos ou experiências inovadoras

(ARAÚJO e JORDÃO, 1995). Tais avaliações, portanto, colocam-se como uma necessidade de pesquisa em relação a como as mulheres vivenciam a menopausa, como parte essencial da abordagem de atenção integral à saúde das mulheres.

Os resultados encontrados no presente estudo poderão contribuir para que a divulgação de conteúdos sobre a menopausa em revistas seja mais esclarecedora, já que o assunto reveste-se de importância para o avanço da ciência e deve interessar às mulheres, médicos, família, governo e setores públicos que tenham como foco a saúde, particularmente a feminina – uma amostra representativa da população geral.

## NOTAS

- [1] Conforme dados disponíveis em: <http://www.aids.gov.br/c-geral/ong/item02htm>  
[2] Dados disponíveis em: <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=47>  
[3] Dados disponíveis em, <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=13>  
[4] Dados disponíveis em: <http://www.rac.com.br/metropoleproduto.asp?top>

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inesita; JORDÃO, Eduardo. Velhos dilemas, novos enfoques: uma contribuição para o debate sobre estudos de recepção. In: PITTA, Áurea M. da Rocha (org.). *Saúde & comunicação – visibilidades e silêncios*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995.
- BIFFI, E.F.A. *O fenômeno menopausa: uma perspectiva de compreensão* [Dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1991.
- CALDAS, Maria das Graças Conde. *Política de C&T, mídia e sociedade*. Rev. Comunicarte, v. 19, p.135, 2002.
- CAMPANA, Luís Otávio. *Conhecimento sobre a menopausa e seu tratamento de acordo com o estado menopausal e estrato social: análise de inquérito populacional domiciliar em mulheres climatéricas do município de Campinas* [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Faculdade de Ciências

Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

EDITORA ABRIL. Levantamento do XLVI Estudos Marplan Consolidado 2004. *Perfil do leitor da revista Veja*. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=47>>. [Acesso em: 01 nov. 2004a].

EDITORA ABRIL. Levantamento do XLVI Estudos Marplan Consolidado 2004. *Perfil do leitor da revista Claudia*. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=13>>. [Acesso em: 01 nov. 2004b].

HARDY, Ellen; ALVES, Graciana; OSIS, Maria José Duarte. *Climatério: implicações sociais*. *Femina*, v. 20, p.313-20, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1996. Apresenta o perfil das mulheres brasileiras*. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/c-geral/ong/item02htm>>. [Acesso em: 02 set. 2002].

LAFER, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos. Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

LIMA, J.V. *Vivenciando a inexorabilidade do tempo e as suas mudanças com perdas e possibilidades: a mulher na fase do climatério* [Tese de Doutorado]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 1999.

LOURO, G.L. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*. *Educ. Real.*, v. 20, p.101, 1995.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais – 1922-1989*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MERCADO, Francisco. *Entre el infierno y la gloria. La experiencia de la enfermedad crónica em um barrio urbano*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1996.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

OLIVEIRA, M.C.F.A. *As mulheres, os hormônios!* Revista Brasileira de

Estudos Populacionais, v. 9, p.184-188, 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Report of a WHO scientific group: research on menopause*. Genebra: WHO Technical Report Series, 1981.

OSÓRIO-WENDER, M.C.; CAMPOS, L.S. *Benefícios definidos da TH*. In: Fernandes CE, organizador. *Controvérsias da terapêutica hormonal (TH) na mulher climatérica*. São Paulo: Medcomm, 2004.

PETER, J. *Les médecins e les femmes*. Paris: Fayard, 1980.

PINTO-NETO, Aarão Mendes; PAIVA, Lúcia Helena Simões da Costa, FONSECHI-CARVASAN, G.A. Climatério: epidemiologia. In: FERNANDES, C.E. (org.). *Menopausa – diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Editora Segmento, 2003.

REDE ANHANGUERA DE COMUNICAÇÃO. *Perfil do leitor da revista Metrópole*. Disponível em: <[http://www.rac.com.br/metropole\\_produto.asp?top=metropole](http://www.rac.com.br/metropole_produto.asp?top=metropole)>. Acesso em 01 nov. 2004.

REIS, Ana Paula. Inscrições corporais e menopausa: signos da meia-idade numa perspectiva antropológica. In: BARBOSA, R.M.; AQUINO, E.M.L.; HEILBORN, M.L.; BERQUÓ, E. (orgs.). *Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

RUBIN, Antônio Albino Canelas. Mídia, política e democracia. In: PITTA, A.M.R. (org.). *Saúde & Comunicação – visibilidades e silêncios*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995.

SÁ, Marcos Felipe; SILVA, A.C.J.S.R. Análise crítica de estudos controlados sobre os efeitos da TH em mulheres climatéricas. In: FERNANDES, C.E. (org.). *Controvérsias da terapêutica hormonal (TH) na mulher climatérica*. São Paulo: Medcomm, 2004.

SEIDEL, John. *The Ethnograph* [programa de computador]. Version 5.0. Salt Lake City UT: Qualis Research Associates, 1998.

SOUZA, C.L.; DIKSZTEJN, R.; HORI, F.L.B. *Um olhar psicológico sobre a menopausa*. Revista Brasileira de Medicina, v. 59, p.20-22, 1999.